

Pipas, piões e apostas: Rubinho aos 48, na segunda etapa¹

José Lima Júnior²

Por óbvio, meu tema nesta conferência é Rubem Alves³. Quero empreender a condução de um ligeiro palpite sobre sua pessoa, seu pensamento e suas provocações. Tentarei, com entusiasmo e respeito, falarem consonância ao caráter da organização que nasce aqui e agora – a *Sociedade Internacional Rubem Alves* (SIRA): uma reunião de gente interessada na pesquisa e divulgação *dos conceitos teológicos e formulações teopoéticas desenvolvidas por Rubem Alves, com a perspectiva de redimensioná-los aos novos e diferentes aspectos da cultura contemporânea*.⁴

Assim me sinto privilegiado neste agradável ambiente de mães, pais, madrinhas, padrinhos e corujas da SIRA. E, portanto, manifesto meus agradecimentos aos parteiros, enfermeiros e clínicos desta maternidade epistemológica: a Universidade Federal de Juiz de Fora, representada pelo centro obstétrico de seu Instituto de Ciências Humanas, em particular a unidade neonatal do Departamento de Ciência da Religião, e com destacado expediente os que atendem na ala do berçário e banco de leite do **Núcleo de Pesquisa sobre Protestantismos e Teologias**, bem como a ala conveniada para cuidados similares do **Grupo de Pesquisa Correlativos** do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe.

Expresso, pois, uma carinhosa mensagem de boas-vindas à menina SIRA desejando-lhe existência longa, pulsante e feliz. E, mais: agora nesta sala de puericultura histórica e aconchegante, quando celebramos o cinquentenário da revelação de seu código genético, anoto aqui um prognóstico: quem com SIRA respira, rubenianamente alveja mais vida.

Nesta conferência, como em qualquer situação equivalente, lembro que abarcar o nome de uma pessoa para tentar compreendê-la por completo corresponde a exercício desprovido de adequada intenção e correto resultado. Sobre Rubem Alves mais ainda. Dessa forma busco não incorrer em desatino e vã pretensão de apresentar de modo exaustivo as personas, os pensamentos e as provocações de Rubem Alves. Aliás, a fortuna crítica sobre Rubem Alves se avoluma consistente e constantemente. Em março de 2014, conforme postagem de Elfi Kürten Fenske, com o título *Rubem Alves – o aprendiz de feiticeiro*⁵, esse acervo somava mais de setenta estudos acadêmicos (entre teses, dissertações, livros, monografias, artigos, ensaios etc.). E desde então muito mais vem sendo produzido em torno

¹ Conferência principal proferida no dia 28 de agosto de 2019 durante o evento “Repensando o Sagrado: Rubem Alves e a Teologia da Libertação” realizado no Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

² Professor titular da Universidade Metodista de Piracicaba. Contato: joselimajunior22@gmail.com.

³ Na apresentação oral utilizei um recurso para Data-show – o famigerado PowerPoint – objetivando reforçar trechos deste texto escrito.

⁴ Explicação no site do evento “Repensando O sagrado: Rubem Alves e a Teologia da Libertação”. https://repensandosagrado.wixsite.com/rubemalves?fbclid=IwARlj4N_0IA9ZKMnUcbl6QEWmFITC4fHUWVBtVPv9-wMtfxzTlgtleopxVmk. Acesso em 02/07/2019.

⁵FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Rubem Alves - o aprendiz de feiticeiro*. Templo Cultural Delfos, março/2014. Disponível no link <http://www.elfikurten.com.br/2014/03/rubem-alves-o-aprendiz-de-feiticeiro.html>. Acesso em 01/07/2019.

do nome e da obra de Rubem Alves. Devo confessar que eu não domino minimamente esse notável montante de estudos e, portanto, fica por minha conta e risco a precariedade desta conferência.

E para escapar pela tangente, resolvi focar apenas em um ano da vida desse mineiro de Boa Esperança, nascido aos 15 de setembro de 1933. Vou, assim, recortar e comentar sobre alguns fatos-e-feitos que Rubem Alves vivenciou-e-escreveu no ano de 1981, supondo que naquele momento, ao alcançar seus quarenta e oito anos, talvez ele estivesse saindo da segunda para sua terceira e derradeira etapa, concluída em 19 de julho de 2014. Ou seja, desejo prestar atenção ao que Rubem Alves escreveu em 1981 e aventar uma pequena hipótese para certos detalhes relacionados ao relativo encolhimento da sua preocupação mais política e à sua florescente abertura para um exercício mais lúdico.

Para início de conversa, recorro ao documentário *O sonho ecumênico*⁶ – por sinal, excelente – gravado em 17 de maio de 2012 na Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. Nesse registro encontramos o seguinte depoimento⁷ do próprio Rubem Alves:

Minha vida era dividida em três fases. Primeira fase, a gente só falava coisas do tamanho do universo: Deus. Depois Deus morreu e nós recuamos um pouco; nós fomos para os heróis políticos; saímos da teologia para a política. Depois a política fracassou e nós fomos para o nosso quintal jogar pião.

Sabemos que Rubem Alves estava fisicamente muito debilitado quando gravou esse depoimento. Depois de superar um câncer no estômago, diagnosticado em 2006, veio a sofrer os incômodos, os constrangimentos e as limitações do Mal de Parkinson que o afetaram a partir de 2011⁸. Entretanto, ao seu estilo agudo, instigante e bem humorado, Rubem Alves nos oferece nessa curta e saborosa lembrança uma síntese de sua homilia biográfica. Como bom orador de origem presbiteriana, divide seu percurso existencial em três momentos. Uma primeira etapa mais religiosa, uma segunda mais secular, e uma terceira mais brincante. No conjunto dessas fases vividas há como constatar balizamentos (nem sempre nítidos), todos coloridos por referências particulares e comunitárias, por movências avançadas e recolhidas, por instâncias grandiosas e caseiras. Tomado por nuances contraditórias (por vezes involuntárias) e assumindo sua coerente e invariável moralidade sobretudo libertária, Rubem Alves declara, assim, que experimentou a imensidão do universo e a singeleza do quintal, viveu causos divinos e causas mundanas, saboreou o companheirismo e a solidão.

Separar em períodos exatos e estanques essas três fases me parece errôneo. Por toda sua vida de pensador e escritor a tríade religiosa/política/lúdica está presente com maior ênfase em uma ou outra característica. E fica, portanto, em virtude da ocorrência mais acentuada deste ou daquele trato temático a discutível justificativa didática dessa tríplice divisão. Minha reticente perspectiva diante disso é que em 1981 Rubem Alves estava se deslocando da segunda para a terceira fase. A propósito, colho como dados para um fichamento emblemático dois acontecimentos: ele acabava de conquistar sua Livre-Docência em

⁶Nos dias 17, 18 e 19 de maio de 2012 a Faculdade Unida de Vitória (ES) realizou o Congresso “**Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro – a Conferência do Nordeste 50 anos depois**”. Na ocasião foram gravadas entrevistas com os conferencistas convidados: Rev. Joaquim Beato, Rev. João Dias de Araújo, Rev. Zwinglio Mota Dias, Prof. José Bittencourt Filho, Anivaldo Padilha e Rubem Alves. Essas entrevistas foram transformadas no documentário, disponível para o grande público: “**O Sonho Ecumênico**”.

⁷O trecho se encontra aos 20:03. <https://www.youtube.com/watch?v=dXlxbqsEdFM&t=11s>

⁸Estas e outras informações estão no link *Biografia* do site do *Instituto Rubem Alves*, dirigido por sua filha Raquel Nopper Alves. (<https://institutorubemalves.org.br/biografia/>). Acesso em 03/07/2019.

Filosofia Política pela UNICAMP (08/04/1980) e ficava às vésperas de se tornar membro da Academia Campinense de Letras (1982)?

Anterior e posterior a esse lapso de tempo outros dois lances⁹ também merecem iluminação: em 1980 Rubem Alves conhece o educador Paulo Freire e se tornam amigos, com inúmeras e ótimas convergências e colaborações; e em 1982 Rubem inicia sua bela e cativante participação como colunista no jornal *Folha de S. Paulo*.

Naquele ano de 1981, além de artigos, crônicas, capítulos de livros etc., Rubem Alves publicou duas obras, ambas ligadas ao interesse acadêmico de todos nós hoje (quase quatro décadas depois) aqui reunidos neste evento. Os conteúdos desses livros, a meu juízo, obrigatoriamente resvalam, perpassam e desvendam horizontes a todo e qualquer Programa e Departamento de Ciência (ou Ciências) da Religião. Os títulos são, precisamente, *Filosofia da Ciência* e *O que é religião*.

Com essas obras Rubem Alves marcou sua estreia na Editora Brasiliense, localizada em São Paulo¹¹. Em ambas publicações as dedicatórias são dirigidas aos filhos que Rubem Alves teve com sua esposa Lídia Nopper Alves. O livro *Filosofia da Ciência* é dedicado ao primogênito Sérgio (à época, com 21 anos) e ao Marcos (então, com 18 anos). Já a obra *O que é religião* é dedicada à sua caçula Raquel (ainda com 5 aninhos). Os termos das dedicatórias carecem ser sublinhados, pois compõem à perfeição com o tema condutor (*leitmotiv*) desses livros, segundo minha clave hermenêutica *hic et nunc*¹². Transcrevo a seguiras dedicatórias, tentando ficar próximo à diagramação original.

Para o
Sérgio
e o
Marcos.
Que a ciência lhes seja
alegre,
como empinar papagaios.¹³

⁹ Conforme site (<https://institutorubemalves.org.br/biografia/>). Acesso em 03/07/2019.

¹⁰ Conforme FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Rubem Alves - o aprendiz de feiticeiro*. Templo Cultural Delfos, março/2014. Disponível no link <http://www.elfikurten.com.br/2014/03/rubem-alves-o-aprendiz-de-feiticeiro.html>. Acesso em 01/07/2019.

¹¹ Gonçalves Junior, em *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves* (p. 302), é explícito ao informar que o primeiro livro de Rubem Alves pela Editora Brasiliense foi *Filosofia da Ciência*. E acrescenta: *Rubem seria convidado a participar de uma coleção importante, a badalada "Primeiros Passos", que pretendia introduzir estudantes e leigos a centenas de temas, e para a qual escreveu O que é religião, uma visão crítica e irreverente, que em pouco mais de um ano teve quatro edições*. Se me couber divergir a respeito, meu entendimento faz uma inversão na ordem proposta por Gonçalves Junior para essas publicações. A comparar como o próprio Rubem Alves apresenta sua biografia ao final dos dois livros, no *O que é religião* (p. 134), penúltimo parágrafo, são elencadas quatro obras do autor. Por outro lado, no livro *Filosofia da Ciência* (p. 210), Rubem repete *ipsis litteris* o que está na publicação anteriormente mencionada, exceto ao elencar cinco obras, incluindo "*O que é religião* (Brasiliense)".

¹² Ao proceder as análises nesta conferência opto por não aplicar meu entendimento sobre a ordem cronológica das publicações. Tenho três justificativas complementares: Primeira, a sequência dos nascimentos dos filhos de Rubem & Lídia (citados nas dedicatórias). Segunda, o fato deste evento acadêmico ser fundamentalmente científico e, dentro da ciência, voltado para o fenômeno religioso. Terceira, a hipótese de que Sérgio, Marcos e Raquel talvez representem, em andamento, as três fases de Rubem Alves – o que espero trocar em miúdos ao final da conferência.

¹³ Dedicatória do livro *Filosofia da Ciência (Introdução ao jogo e suas regras)* (ALVES, 1981a, p. 6).

Este livro é pequeno,
simples e alegre
como a Raquel,
menininha a quem o dedico. ¹⁴

Nestas dedicatórias a alegria é o denominador comum a apontar e a veicular tanto a complexidade epistêmica quanto a alegada simplicidade bibliográfica. No caso da primeira dedicatória (do livro *Filosofia da Ciência*, para Sérgio e Marcos) a cândida nomeação de um brinquedo junto ao conhecimento e ao desenvolvimento científicos não pode passar despercebida.

Quem não experimentou a indescritível alegria de fazer um quadrado, uma pipa, uma arraia, uma pandorga, com rabiola e tudo? Quem não viveu a doce alegria de sustentar ao vento um objeto de papel ou pano, controlado por um rolo de cordonê ou uma linha 10? Quem não sentiu uma genuína alegria ao empinar papagaio? Essa prática lúdica, como a científica, depende de vocação para o artifício, competência para a manipulação, postura de respeito a determinado ordenamento da realidade, ativação de uma criatividade mais imaginativa, coragem para jogar com os dados naturais e com os construtos culturais etc. Por isso Rubem Alves preconiza para seus filhos Sérgio e Marcos – respectivamente, universitários nas áreas médicas e biológicas em 1981 – o desejo de uma ciência alegre, uma ciência brincalhona, uma ciência arteira, uma *gaia ciência*.

E aposto que você se lembrou de Nietzsche. Ótimo. Vou acompanhar sua associação citando três trechos do Prólogo de sua obra *A gaia ciência*, publicada em 1887. Perceba como o convalescente hospedado em Ruta (região metropolitana de Gênova) apresenta seu livro no contexto de sua sofrida, mas fértil, adversidade física e de sua sofisticada ressignificação da infância – à sombra de uma frondosa arte alternativa:

Todo este livro não é senão **divertimento** após demorada privação e impotência, **o júbilo da força** que retorna, **da renascida fé** num amanhã e **no depois de amanhã** [...]

Por fim, para que o essencial não deixe de ser registrado: de tais abismos, de tal severa enfermidade, também da enfermidade da grave suspeita **voltamos renascidos**, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, **com gosto mais sutil para a alegria**, com língua mais delicada para todas as coisas boas, **com sentidos mais risonhos, com uma segunda mais perigosa inocência na alegria**, ao mesmo tempo **mais infantis e cem vezes mais refinados** do que jamais fôramos antes [...]

Se nós, convalescentes, ainda precisamos de uma arte, é de **uma outra arte** – uma **ligeira, zombeteira, divinamente imperturbada, divinamente artificial**, que como uma clara chama lampeje num céu limpo!¹⁵

Estimo que estas considerações nietzschianas preenchem algumas entrelinhas da dedicatória dirigida ao Sérgio e ao Marcos. E mais¹⁶ poderia ser aventado noutra escrita...

Retomo agora a outra dedicatória, aquela que Rubem Alves endereça a sua filha Raquel. E nessa vereda penso que uma fotografia deles em 1979¹⁷ ajuda como ilustração icônica, portadora de seus índices e símbolos; além de ser também uma foto com possibilidades de

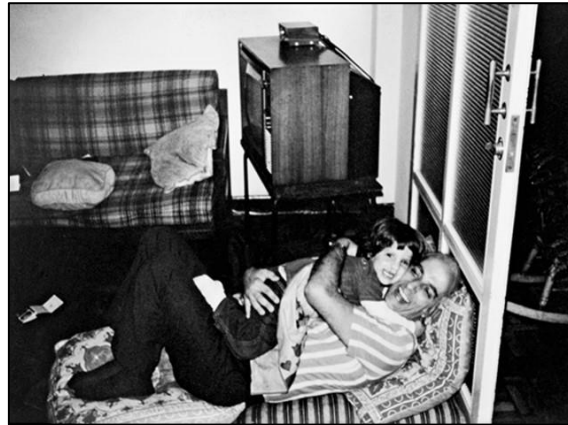
¹⁴ Dedicatória do livro *O que é religião* (ALVES, 1981b, p.6).

¹⁵ NIETZSCHE (2012, 9, 12-13). Negrito meu.

¹⁶ Aproveito para propor aos interessados na obra de Rubem Alves uma pesquisa sobre suas dedicatórias.

¹⁷ GONÇALO JUNIOR (2015, quinta folha do encarte com fotografias, colocado entre as páginas 224 e 225). No livro a foto aparece invertida, aqui corrigida.

alguma carga punctual¹⁸. Sabemos que já virou lugar-comum a máxima *uma imagem vale mais que mil palavras*, atribuída a Confúcio. Sendo um clichê, é passível de reparos como supomos ter feito Millor Fernandes ao lembrar: *se uma imagem vale mais que mil palavras, então diga isto com uma imagem*.



Seja como for, parece-me que a fotografia obtida em 1979 representa um momento “simples e alegre”; porém nada “pequeno”. A grandeza dos sorrisos em sintonia, dos rostos colados, do abraço apertado, do *descalçar as sandálias porque o lugar é santo...*, tudo isso é de uma grandeza “do tamanho do universo” – tem algo divino, sublime, inefável. O pai fecha os olhos para ver o infinito. Rubem é Alves; antes, contudo, é Azevedo, filho de Carmen Sílvia de Azevedo (aliás, formada pelo *Colégio Stella Matutina*, aqui de Juiz de Fora)¹⁹. E Azevedo evoca azevinho – nome de um vegetal muito usado nas decorações natalinas e que significa “árvore sagrada”; daí, “hollywood”. Em tempo, recordo Tom Jobim, citado por Caetano Veloso na canção *Língua*, de 1984: *Hollywood quer dizer Azevedo*²⁰. Rubem não só repensa o sagrado; *azevedamente* ele revive o sagrado no cotidiano trivial, reverencia o sagrado no afeto lúdico, incorpora essa coisa tremendamente outra, abscondita, vaga e *cheia de graça que vem e que passa...*

E a Raquel? A Raquelzinha? A *menininha* a quem esse livro *O que é religião* é dedicado? Como ela está na foto? Que tal enxergar, olhar e ver seus signos? Ela, e somente ela, fita quem faz o registro da luz – justamente quem a trouxe à luz: Lídia. E como o próprio nome também quer dizer, Lídia é *aquela que tem dores de parto*. Dores que, com esse olhar doce e feliz da Raquelzinha, ficam curadas e convertidas em gratidão e alegria. Portanto, a filha ao ser fotografada pela própria mãe também *foto-grafa*, à moda de um sacramento, a piscadela maternal. O instante único desse click pode ter sido logo após o almoço ou a janta. Tudo indica que a filha já estava satisfeita com a comida e até carregava o tal paninho que as crianças gostam de acariciar quando vão para a soneca da tarde ou para os sonhos da noite. Em conversa²¹ com a Raquel fiquei sabendo que esta foto registra um dia como vários outros; a situação retratada era bastante comum ao longo de muito tempo. E a menina da foto acrescentou agora em 2019 um valioso informe: frequentemente, depois de ficarem um tempo

¹⁸ Conforme conceito de Roland Barthes em seu livro *A câmara clara* (1984, 46, 84), *punctum* é uma fisgada que uma foto provoca no sentimento de algum observador. Nesse aspecto, independentemente de qualquer particularidade técnica ou estética, algo na foto remete a lembranças que formataram a mais profunda e sensível subjetividade de alguém diante de tal fotografia.

¹⁹ GONÇALO JUNIOR (2015, 22).

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=jw-VUYgVvhc>

²¹ Conversa, via WhatsApp, na manhã de 05/07/2019.

deitados nos almofadões deixados sobre o assoalho do ambiente onde estava a televisão, pai e filha passavam para a sala ao lado. Raquel sentava na cadeirinha de balanço e Rubem tocava piano até a *menininha* dormir.

Tamanha magnitude de afeto que a imaginação comporta também me entenece. Por isso, tomando a liberdade que nosso recíproco querer-bem autoriza, acho oportuno reproduzir algumas das palavras gravadas pela Raquel em nossa conversa:

Essa foto é muito querida. [...] A lembrança que eu tenho desse dia..., não só desse dia específico, mas desses **momentos...**, é que eram momentos muito **intensos** de alegria entre mim e meu pai. Isso é **muito, muito** marcante. Momentos de muito amor e muita **alegria**. Eu acho que eu vejo nessa foto... esse **amor**, essa **sensação de plenitude**.

Tal plenitude vivida pela Raquel em sua infância, aliada às lutas crescentes e às luas minguantes de toda família, viabilizou um processo de reconsideração da vida, de recolocação de papéis, de revitalização de potências. A família Nopper Alves, à época morava à Rua Frei Manoel da Ressurreição, 1439, e uma ressurreição milagrou a relação pai/filha, filha/pai. Por esse tempo, 1979, '80, '81, '82..., Rubem começa a ser gestado no coração da Raquel. A filha põe a parir no pai um outro Azevedo. E acredito que um dos pontos mais elevados e eloquentes dessa bendita ressurreição de pessoa, pensamento e provocação rubenianos aconteceu *quando o espírito de Raquel deu à luz Benjamin* – espécie de alter-ego do *meninim* de Boa Esperança quando lhe perguntaram se acreditava em Deus²²... Mas isso é outro assunto, já ensaiado ²³.

Esta foto ainda desperta extáticas elucubrações. Concomitante àquele Rubem Alves da Igreja, da Academia, da Política..., simultâneo àquele Rubão das amizades mais raras e mais chegadas..., surge, como que por ampliação de ser, como expansão ôntica, um novo **Rubinho aos quarenta e oito anos, na segunda etapa da vida** – engatinhando em sua nova infância, *com uma segunda e mais perigosa inocência na alegria, cem vezes mais refinado do que jamais fora*. Dá para arriscar dizer, então, diante desta foto o seguinte: voluntária, alegre e ludicamente Rubem Alves se entrega à boa, bela e benfazeja soberania da Raquelzinha. Renasce como Rubinho dominado pela magia daquela menina de apenas cinco anos. Logo adiante esse Rubinho irá metamorfosear artisticamente suas personas imortais de Rubem e Rubão. Esse Rubinho passará dentro de poucos anos a, literariamente, empinar suas pipas, rodar seus piões e jogar suas apostas – tudo, literalmente, por causa-primeira-e-principal daquela pequena, simples e alegre Raquelzinha.

E antes de considerar alguns trechos dos dois livros que Rubem Alves publicou em 1981, tomo ainda a generosa atenção de quem me ouve (e lê) para um realce frente um detalhe que entendo insinuante. Nas duas obras você encontra um capítulo com o título *A aposta*. Na *Filosofia da Ciência* é o sétimo capítulo. Em *O que é religião* consta como capítulo final. Esse recaimento não só enseja um liame entre os conteúdos, como também é premonitória do que caracterizaria a terceira etapa da produção de Rubem Alves: sua fase mais lúdica, bolinando atributos, num entra-e-sai quase em gozo... Ou, como ele mesmo apostava ao se exhibir com seu *misticismo herético (e erótico)*...²⁴

²² Rubem Alves publicou *Perguntaram-me se acredito em Deus* em 2007, pela Editora Planeta (SP).

²³ Convido conferir meu artigo *Assim beijava Benjamin*, publicado na Revista Estudos de Religião, v. 31, n. 2 • 181-203 • maio-ago. 2017, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da UMESP. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/7396/5921>

²⁴ Expressão final de Rubem Alves na contracapa do seu livro *Perguntaram-me se acredito em Deus*.

O livro *Filosofia da Ciência* tem como subtítulo *introdução ao jogo e suas regras*. E me interessa delimitar nesta conferência justamente, em primeiro lugar, essa conotação lúdica. Espero que tal redução encontre amparo na conversa epistemológica do próprio Rubem Alves: *os cientistas só buscam os fatos que são decisivos para a confirmação ou negação de suas teorias*.²⁵

Nos dois primeiros capítulos deste livro Rubem Alves faz uma aproximação crítica e desconstrutiva entre o senso comum e a ciência: *Vamos então tentar entender a atividade científica a partir daquilo que nós e outras pessoas fazemos o dia todo. Fazer ciência em muito se assemelha a cozinhar, a andar de bicicleta, a brincar, a jogar e adivinhar*.²⁶ Afinal, se tanto no cotidiano quanto nas investigações científicas o pensamento é ativado diante de algum problema que atrapalha ou obstaculiza a ação, supõe-se também que a imaginação de alguma solução passa pela inteligência (teoria) a vislumbrar o caminho desde seu ponto de chegada, fazendo o percurso inverso. No último parágrafo desses capítulos iniciais Rubem Alves apresenta uma ilustração:

Você está resolvendo um quebra-cabeças. Há uma peça faltando. Será que você não pode e deve construí-la, pela **imaginação**? A forma da peça será o encaixe positivo daquelas que já estão prontas. A sua cor deverá ser a continuação das cores ao seu redor. Por este processo você construiu mentalmente a peça e é somente em decorrência deste fato, isto é, de você haver pensado **o fim**, que você poderá procurar a peça que está faltando.²⁷

O terceiro capítulo versa sobre a *busca de ordem* e principia com uma epígrafe, retomada páginas adiante, dando o tom do que segue livro afora. Há uma ironia não muito velada. Rubem Alves cita o historiador, filósofo e físico escocês L.L. Whyte: *O místico crê num Deus desconhecido. O pensador e o cientista creem numa ordem desconhecida. É difícil saber qual deles sobrepuja o outro em sua devoção não racional*.²⁸ E para não pairar dúvida ou equívoco a respeito, Rubem Alves alerta:

Não, não estou dizendo que religião é ciência nem que ciência é religião. Estou, ao contrário, sugerindo que em ambos os casos os indivíduos estão em busca de uma ordem e que todos eles, independentemente de convicções pessoais, concordam em que **a ordem é invisível**.²⁹

De algum modo essa ordem invisível da ciência *exige um pulo mental do observador. Ele deve, pela imaginação, construir mentalmente coisas que nunca viu para explicar aquelas que vê*.³⁰ Esses jogos de construções mentais recebem o nome de modelos –têm um desdobramento pragmático efetivo e eficaz, e valem porque funcionam. E completa Rubem Alves: *No fundo, estamos brincando de faz-de-conta. Fazemos de conta, para efeitos práticos, que um modelo é verdadeiro. Mas, na realidade, não temos nunca forma de dizer quando é que temos a verdade em nossas mãos*.³¹ Por isso, a propósito, Rubem Alves resume com uma analogia: *A ciência se parece menos com o comportamento de banqueiros e agiotas que só*

²⁵ ALVES (1981a, 42). Negrito meu.

²⁶ ALVES (1981a, 19). Negrito meu.

²⁷ ALVES (1981a, 34). Negrito meu.

²⁸ ALVES (1981a, 35 e 39). Negrito meu.

²⁹ ALVES (1981a, 39). Negrito meu.

³⁰ ALVES (1981a, 42). Negrito meu.

³¹ ALVES (1981a, 45). Negrito meu.

*emprestam sob garantia, que com o comportamento de jogadores que tomam o risco de apostar*³².

No capítulo quatro (*modelos e receitas*) Rubem Alves faz incursões sobre o quanto *a ciência não progride quando os modelos são confirmados pela investigação, mas quando certas anomalias forçam os cientistas a questioná-los*³³. Talvez isso também corrobore a emergência de sua posterior abordagem meta-científica, às vezes rotulada como teopoética. No fundo, a normatividade modelar receitada tem vigência até que seja mais uma vez solapada a fantasia da normalidade.

Decifrando mensagens cifradas é o título do quinto capítulo. Nele Rubem Alves menciona a moderna hegemonia da matemática na linguagem científica – uma linguagem desprovida de valorações oriundas do compreensível calor humano, porém muitas vezes informado pelas experiências dos sentidos. Em lugar dessas experiências, convém a experimentação pautada pela frieza matemática. E o resultado é que *a ciência moderna se caracteriza pelo abandono da categoria substância, que é substituída pela categoria função. O que importa não é o que as coisas são, mas como elas se comportam*³⁴.

O capítulo seis descortina certos assuntos particularmente voltados para as chamadas ciências humanas, mais ainda para nós neste evento. Com o título *Pescadores e anzóis* Rubem Alves explicita porque a diferença do objeto de conhecimento redundava em apreciações díspares. Se a natureza tem suas leis (outra maneira de se referir à relativa rotina da física, da química, da biologia etc.), no caso do ser humano outra lei comparece. Deveras imprevisto, aleatório e mutante, porém perceptível, o imponderável do humano é regido pela cultura, por leis inventadas e codificadas pelos papéis sociais. Assim, quero transcrever um longo trecho, todo um parágrafo:

De fato, **quem se move em meio às coisas humanas está proibido de ter as certezas** e – por que não dizer? – a arrogância que se encontra em muitos cientistas da natureza, equivocadamente orgulhosos de seu poder para prever o próximo passo da tropa unida. Você compreende que é mais fácil montar uma armadilha para uma tropa em ordem unida que para um bailarino? ... Usando uma linguagem filosófica, poderíamos dizer que no mundo humano se encontra esta coisa que ninguém sabe bem o que é, e que se chama **liberdade...** e é isto **que torna o rigor tão problemático**. Você compreenderá, seguindo um caminho mental inverso, que quanto mais cientificamente planejada for uma sociedade, tanto mais previsível e cognoscível ela será. Tanto mais próxima da ordem unida, da rotina, do caráter [gravação/código de barras/QR], do determinismo...³⁵

Como já antecipei, o sétimo capítulo se chama *A aposta*. Esse título não é inocente. Faz diferença e chacoalha a performance epistêmica. A questão do método ganha novos contornos nessas páginas de Rubem Alves. De saída ele recoloca/reconhece o que já é senso-comum nas bancadas científicas:

A luta entre o pensamento baseado na autoridade e o pensamento orientado para a investigação da natureza é fascinante. [Veio a modernidade e...] o **que estava em**

³² ALVES (1981a, 46). Negrito meu.

³³ ALVES (1981a, 65). Negrito meu.

³⁴ ALVES (1981a, 88). Negrito meu.

³⁵ ALVES (1981a, 100). Negrito meu.

jogo não era apenas a compreensão filosófica de ciência como também um sem-número de interesses políticos ³⁶.

Isso assentado e depois de recuperar a contribuição do empirista Francis Bacon denunciando as *patologias do saber* e apresentando as *tabelas de afirmações, negações e comparações*, Rubem Alves continua seu exame anotando que

o *pensamento indutivo* se levantou contra a ciência medieval, que pretendia *ampliar* o conhecimento da natureza através da *dedução*. Mas a **dedução não serve** para ampliar conhecimento de coisa alguma. Ele só serve para *garantir o rigor do caminho seguido pelo pensamento, quando ele pensa sobre si mesmo*. Tal é o caso da lógica e da matemática. [...]

A indução, ao contrário, não progride simplesmente pelas relações entre as ideias: ela **necessita de informações sobre os fatos**.³⁷

Entretanto, ainda que a indução pretenda exorcizar erros de encaminhamento no processo científico, graças à cuidadosa fidelidade às bases factuais, Rubem Alves não se engana: *Por mais que nos esforcemos para seguir, com rigor, o caminho que vai dos fatos aos enunciados de leis e teorias, há indícios de que, em certas passagens, trapaceamos sem querer*³⁸. Então, em resumo orientado pelo pensamento de outro empirista mais radical – David Hume – com sua suspeita diante do método indutivo, nosso epistemólogo Rubem Alves afirma:

Elaboramos teorias não porque a lógica o permita ou a observação as produzam. As teorias, estas ambiciosas generalizações que abarcam o passado e o futuro, o aqui e os confins do espaço, são construídas sobre nossa **crença na continuidade do universo**, uma exigência que brota da *fé*, dos **sentimentos**, dos **hábitos**³⁹.

Logo, conclui Rubem Alves, a presença dessas pressuposições (convenientemente renomeadas como fatores de probabilidade), não deixam de recuperar algumas pérolas da fraseologia de famosos:

Credo ut intelligam / creio para entender (Anselmo) ⁴⁰.

Não será verdade que cada ciência, no fim, se reduz a um certo tipo de **mitologia**? (*Carta de Freud a Einstein, 1932*)

(...) as categorias mais fundamentais do pensamento e, conseqüentemente, da ciência, têm sua origem na **religião** (*Émile Durkheim*) ⁴¹.

A epígrafe do capítulo oitavo, dedicado ao tema da *construção dos fatos*, é uma acachapante topada que dispensa palavrório pseudo-consolador. Rubem Alves se vale de Nietzsche, direto na veia: **Contra o positivismo**, que para perante os fenômenos e diz: “*Há apenas fatos*”, **eu digo: Ao contrário, fatos é o que não há; há apenas interpretações⁴².**

³⁶ ALVES (1981a, 111). Negrito meu.

³⁷ ALVES (1981a, 118). Negrito meu.

³⁸ ALVES (1981a, 119). Negrito meu.

³⁹ ALVES (1981a, 125). Negrito meu.

⁴⁰ ALVES (1981a, 116). Negrito meu.

⁴¹ ALVES (1981a, 109). Negrito meu.

⁴² ALVES (1981a, 127). Negrito meu.

A imaginação é o título do capítulo nove. Aqui a questão do método é posta em xeque. E nem sempre o método se safa. Rubem Alves resolve, então, compor seu elogio ao vazio, à divagação, ao acaso imaginativo, à fantasia criativa... Todos funcionando como promotores de várias descobertas científicas. Óbvio que uma infundável rede de condicionantes subjetivos e históricos comparecem no substrato como-que-necessário de onde brotam os *insights* heurísticos. A respeito escreve Rubem Alves:

O fato é que os cientistas frequentemente se veem incapazes de explicar como as ideias lhes ocorrem. Elas **simplesmente aparecem**, repentinamente, sem que tenham sido construídas, passo a passo, por um procedimento metodológico. O que Gauss, Popper, Polanyi e Feyerabend fazem, portanto, é simplesmente confessar a **presença de um fator imponderável** no trabalho científico: *a criatividade*⁴³.

O capítulo dez, sobre *as credenciais da ciência*, parece ser a oportunidade de Rubem Alves ensaiar sua elegia à solidão que acomete fiéis amantes da ciência. Assim ele contraria uma presunçosa petulância mistificadora da figura do cientista e o realoja na irremediável condição humana, encharcada de ruídos labirínticos e emaranhados embaraçosos. Nesse redemoinho, ao longo dos séculos,

As teorias nasceram com os sonhos, as fantasias, os poemas, as sonatas, em meio das visões dos místicos, do prazer dos charutos, do **lazer das caminhadas**, do amor intelectual pelos objetos... Imaculada conceição? Ilusão de cientistas que não pararam para pensar a origem dos seus próprios pensamentos. Como se equivocam aqueles que pensam que as ideias se impõem pelo peso das evidências! Isto só ocorre muito tarde, depois que muitas pessoas morreram... No início, o cientista que pela primeira vez contempla uma nova verdade, se vê numa **aterradora solidão**.⁴⁴

Precariedade, crítica, conjuntura, relativização, modéstia, hipotética, teste, parcimônia, práxis, falsificacionismo, confiabilidade... Nisso se move a epistemologia de Karl Popper, para a qual Rubem Alves demonstra algum apreço, posto que põe em jogo a confiança. Tanto é que ele chega a declarar, em retrospecto e em perspectiva:

Dissemos que a natureza fala, sob tortura. Vocabulário curto. O cientista propõe perguntas. A natureza responde: sim, não. E terminamos dizendo que, **quando ela diz “sim”, está na realidade dizendo apenas “talvez”**... Quando os resultados da investigação confirmam as previsões da teoria, isto não quer dizer que a teoria seja verdadeira. **Trata-se de um talvez apenas, que nunca pode ser resolvido**. Concluimos, portanto, que o *sim* da natureza nunca é digno de confiança. Esta é a razão por que a *verificação* não pode ser tomada como credencial de uma teoria. Mas o *não* que diz que a teoria é falsa, é digno de confiança⁴⁵.

E Rubem Alves termina o livro *Filosofia da Ciência* com um capítulo sobre *verdade e bondade*, no qual exercita uma espécie de metalinguagem: o critério de falsificabilidade é aplicado ao próprio critério. E o resultado dessa aplicação evidencia novos impasses na epistemologia, sendo alguns desses impasses muito frustrantes, senão desabonadores. Isso porque, segundo a crítica da crítica oriunda desde o contraponto conduzido por Thomas Kuhn, convém ultrapassar a noção fechada de referência teórica e alcançar um patamar mais

⁴³ ALVES (1981a, 146). Negrito meu.

⁴⁴ ALVES (1981a, 167-168). Negrito meu.

⁴⁵ ALVES (1981a, 179). Negrito meu.

abrangente, a saber, do paradigma em seu contexto histórico. Aparentados às visões de mundo, os paradigmas enfeixam acordos sociais que pautam as práticas das instituições, incluindo as científicas e, dentro destas, suas áreas de pesquisa. Tais acordos têm vigência enquanto cada arranjo conseguir se sustentar psicológica, sociológica, política e cientificamente. Se exauridos..., se portadores de anomalias incuráveis..., esses acordos perigam chegar ao lamentável limite que Rubem Alves denuncia como *paradogmas*. Então, de duas uma: ou a mudança revolucionária a partir de um novo paradigma, ou a ideologização mistificadora das teorias moribundas. Ao fim e ao cabo o que está em jogo é uma disputa entre distintas e irreconciliáveis construções culturais de sistemas de linguagem.

Dado esse conflito recorrente ao logo dos tempos, no último parágrafo do seu livro Rubem Alves assegura que a complexidade basilar (envolvendo fatores individuais junto aos fatores institucionais) demonstra que a inexistência de uma pura verdade científica remete a uma pergunta moral, a um questionamento no âmbito da ética:

Já que a ciência não pode encontrar a sua legitimação ao lado do conhecimento, talvez ela pudesse fazer a experiência de tentar encontrar o seu sentido ao lado da bondade. Ela poderia, por um pouco, **abandonar a obsessão com a verdade**, e se perguntar sobre o seu impacto sobre a vida das pessoas: a preservação da natureza, a saúde dos pobres, a produção de alimentos, o desarmamento dos dragões (sem dúvida, os mais avançados em ciência!), a liberdade; enfim, esta coisa indefinida que se chama felicidade. **A bondade não necessita de legitimações epistemológicas.** Com Brecht, poderíamos afirmar: “Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana”⁴⁶.

Percorrida essa leitura seletiva da *Filosofia da ciência*, retorno para folhear suas duzentas e dez páginas e coleciono algumas referências que consegui capturar, colocando-as em dois balaios. Num deles coloquei as referências aos jogos e brinquedos. Noutro balaiotei as referências aos artistas. Por mero diletantismo (mas que talvez possa mostrar nuances merecedoras de apreço e fomentadoras de conceito), notei que Rubem Alves nesse livro específico sobre epistemologia faz alusão a, pelo menos, doze modalidades de diversão: baralho, basquete, buraco, carta enigmática, cartum, dama, enigma de sinais, futebol, papagaio (pipa), pôquer, quebra-cabeça e xadrez (média de uma diversão a cada dezoito páginas). E com o mesmo espírito também notei que Rubem Alves traz para sua conversa, no mínimo, vinte e três personalidades de diferentes campos da arte, a seguir arrolados em ordem alfabética: Aldous Huxley, Archibald MacLeish, Bach, Beethoven, Brecht, Britten, Bruegel, Camões, Cervantes, Conan Doyle, Daniel Defoe, Davi, Fernando Pessoa, George Orwell, Goscinny & Uderzo, Irmãos Grimm, João Pernambuco, Lamartine Babo, Lewis Carrol, Novalis, Octavio Paz e Stanley Kubrick (média de um artista a cada nove páginas).

Diga-me com quem andas e eu te direi quem tu és – eis um ditado popular que penso ser apropriado para interromper a apreciação sobre o livro *Filosofia da ciência* e começar uma abordagem sobre **O que é religião**. Esta obra veste a camisa número 31 da Coleção Primeiros Passos, também reconhecida como *uma enciclopédia crítica* que reúne temas e autoridades nos assuntos mais diferentes e polêmicos. Rubem Alves participou desses primeiros passos andando com gente de primeiríssima qualidade na cultura brasileira. Os cinquenta pioneiros (e seus tópicos) nesses passos foram:

⁴⁶ ALVES (1981a, 207). Negrito meu.

1. Arnaldo Spindel (Socialismo); 2. Arnaldo Spindel (Comunismo); 3. Ricardo Antunes (Sindicalismo); 4. Afrânio Catani (Capitalismo); 5. Caio Túlio Costa (Anarquismo); 6. Caio Prado Jr. (Liberdade); 7. Joel Rufino dos Santos (Racismo); 8. Teixeira Coelho (Indústria cultural); 9. Jean-Claude Bernadet (Cinema); 10. Fernando Peixoto (Teatro); 11. José Goldemberg (Energia nuclear); 12. Teixeira Coelho (Utopia); 13. Marilena Chauí (Ideologia); 14. Horácio Gonzales (Subdesenvolvimento); 15. Clovis Rossi (Jornalismo); 16. Carlos Lemos (Arquitetura); 17. Vavy Pacheco Borges (História); 18. José Graziano da Silva (Questão agrária); 19. Frei Betto (Comunidade eclesial de base); 20. Carlos Rodrigues Brandão (Educação); 21. Fernando Prestes Motta (Burocracia); 22. Arnaldo Spindel (Ditaduras); 23. Leandro Konder (Dialética); 24. Gérard Lebrun (Poder); 25. Florestan Fernandes (Revolução); 26. Bernardo Kucinski (Multinacionais); 27. Raimar Richers (Marketing); 28. Paulo Renato de Souza (Empregos e salários); 29. Horácio Gonzales (Intelectuais); 30. Paulo Sandroni; **31. Rubem Alves (Religião)**; 32. Paulo Evaristo Arns (Igreja); 33. José Eli Veiga (Reforma agrária); 34. José Paulo Netto (Stalinismo); 35. Afrânio Mendes Catani (Imperialismo); 36. Augusto Arantes (Cultura popular); 37. Caio Prado Jr. (Filosofia); 38. Carlos Rodrigues Brandão (Método Paulo Freire); 39. Maurer Lane (Psicologia social); 40. J. Roberto Campos (Trotskismo); 41. Jamil Haddad (Islamismo); 42. Regis de Moraes (Violência urbana); 43. Glauco Mattoso (Poesia marginal); 44. B. M. Alves & J. Pitanguy (Feminismo); 45. Rodolpho Caniato (Astronomia); 46. Jorge Coli (Arte); 47. R. Antunes & A. Nogueira (Comissões de fábrica); 48. Ruy Moreira (Geografia); 49. Dalmo Dallari (Direitos da pessoa); 50. Danda Prado (Família)⁴⁷.

Transcorridos quase quarenta anos desde a publicação desse pequeno livro, suponho que hoje Rubem Alves reconsideraria algumas afirmativas desde suas páginas iniciais. Desconfio que colocaria mais tintas para tratar e criticar a complexa sutileza da secularização que desencantou o mundo, a história e a vida, e que hoje vem operando uma religiosidade difusa e, em alguns casos, assaz obtusa. Notadamente, o Brasil nesta metade de 2019 parece pender e se perder para um bolsonarismo (desculpa o termo) apoiado por um *viés terrivelmente evangélico*. O que é tosco perde o pudor de ser fosco e cintila um estupro à nossa pupila. Caramba! Que urucubaca! Dá um siricutico, uma ziguizira. Dá vontade de virar a cara. *Sartá di banda...Fui! Mai vortei rapidim*. A luta continua. E este evento aqui nas *Gerais* fortalece, renova e vivifica nossa aposta em uma teologia pró libertação em contínua abrangência. Com firmeza e ternura, *arrasemos* nos labOratórios... Pesquisemos e rezemos... Oh! valha-nos Nossa Aurora da SIRA!

Agora e de forma dialética abrevio os comentários sobre essa “pequena” obra – por certo, presença assídua e estimada nas investigações de quem sempre está *repensando o sagrado*. No capítulo de abertura sobre *O que é religião* Rubem Alves é direto ao sublinhar a *perspectiva*, não só antropológica, porém profundamente preciosa e apetitosa do sagrado:

É fácil identificar, isolar e **estudar a religião** como comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas **é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano**. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos. Aqui **a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso**⁴⁸.

⁴⁷ PAIXÃO (1982, 106). Negrito meu.

⁴⁸ ALVES (1981b, 12). Negrito meu.

A concordar com Rubem Alves, esse sabor epistêmico (apenas real e efetivamente sabido por empiria própria) se dirige para a religião como *teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza*⁴⁹. Com um adendo, de saída, decisivo e que fundamenta a noção de *símbolo*, a ideia de atualização (presentificação) *da ausência*.

Nenhum fato, coisa ou gesto, entretanto, é encontrado já com as marcas do sagrado. **O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas.** Ao contrário, **coisas e gestos se tornam religiosos** quando os homens os batizam como tais. A religião nasce com **o poder que os homens têm de dar nomes às coisas**, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e **coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram** [e que] **passam a ser os sinais visíveis desta teia invisível de significações**⁵⁰.

Em sua genealogia ocidental a religião ganhou status de verdade durante a Idade Média. Conforme Rubem Alves, assim como outros símbolos depois de muita repetição, divulgação e aplicação eficaz, os símbolos religiosos deixaram de ser *hipóteses da imaginação* e passaram a ser tratados como *manifestações da realidade*⁵¹. Só mais tarde, no período científico moderno é que o *sagrado* foi *exilado* para os confins das esferas desqualificadoras da neurose, da ilusão, da ideologia, do narcótico.

No quarto capítulo de *O que é religião*, Rubem Alves se vale de Durkheim para discutir *a coisa que nunca mente*. A saber, como é que *a essência da religião não é a ideia, mas a força* [...] *O sagrado não é um círculo de saber, mas um círculo de poder*⁵². E esse poder é social, obtido com a argamassa do construto coletivo – sustentação de cada pedra individual. O que está em debate é a diferença entre as *coisas que significam outras* e as *coisas que não significam outras*. E nessa diferenciação cabe a pergunta sobre a verdade e sobre o que nada tem a ver com a verdade. Todavia, para tudo ficar mais complexo ainda, Rubem Alves relembra que, *às vezes, até mesmo as palavras, coisas/símbolo por excelência, se transformam em coisas. A arte nos ajuda a compreender isto*⁵³. E, então, comenta uma reminiscência de sua infância mineira:

Lembro-me que, quando menino, em uma cidade do interior, os homens se reuniam após o jantar para contar casos. As histórias eram fantásticas, e todos sabiam disto. Mas nunca ouvi ninguém dizer ao outro: “Você está mentindo”. **A reação apropriada** a um caso fantástico era outra: “Mas isto não é nada”. E o novo artista iniciava **a construção de um outro objeto de palavras**. Faz pouco tempo que me dei conta de que, **naquele jogo, o julgamento de verdade e falsidade não entrava**. Porque as coisas eram ditas não para significar algo. **As coisas eram ditas a fim de construir objetos que podiam ser belos, fascinantes, engraçados, grotescos, fantásticos – mas nunca falsos...**

Há certas situações em que as palavras deixam de significar, abandonam o mundo da verdade e da falsidade, e passam a existir ao lado das coisas.

Quem confunde coisas que significam com coisas que nada significam comete graves equívocos.⁵⁴

⁴⁹ ALVES (1981b, 22). Negrito meu.

⁵⁰ ALVES (1981b, 24). Negrito meu.

⁵¹ ALVES (1981b, 38). Negrito meu.

⁵² ALVES (1981b, 64). Negrito meu.

⁵³ ALVES (1981b, 54). Negrito meu.

⁵⁴ ALVES (1981b, 55-56). Negrito meu.

Como arte e artifício a religião fascina, mais ainda, via falseamento. E de acordo com suas críticas historicamente materialistas, Karl Marx não toma o efeito como causa. Se para ele a religião é ópio compreensível, qual seria o motivo para o uso social e pessoal desse narcótico? A resposta acusa o comprometimento da estrutura político-econômica de dominação e exploração. À época de Marx (e que se estende até nossos dias, com variações) essa estrutura é o capitalismo. Superado esse modo de produção hegemônico, a necessidade da anestesia religiosa ficaria dispensada. Nesse particular Rubem Alves até chega a ser meio irônico: *E com isto [desaparecimento da religião] os mais devotos concordariam também. Nem no Paraíso e nem na Cidade Santa se emitem alvarás para a construção de templos...*⁵⁵ E ao fechar o capítulo que admira *as flores sobre as correntes*, Rubem Alves rechaça um reducionismo em torno do fenômeno religioso e se pergunta

se a razão por que o marxismo foi capaz de produzir “horas de efervescência criativa, nas quais ideias novas apareceram e novas fórmulas foram encontradas, que serviram, por um pouco, como guias para a humanidade”, sim, eu me perguntaria se tudo isto se deveu ao rigor de sua ciência ou à **paixão de sua visão**, se se deveu aos detalhes de sua explicação ou às **promessas e esperanças que ele foi capaz de fazer nascer...** E se isto for verdade, então, à análise que o marxismo faz da religião como ópio do povo, um outro capítulo deveria ser acrescentado sobre **a religião como arma dos oprimidos**, sendo que o marxismo, de direito, teria de ser incluído como uma delas. Parece que a crítica marxista da religião não termina com ela, mas simplesmente inaugura um outro capítulo. **Porque, como Albert Camus corretamente observa, “Marx foi o único que compreendeu que uma religião que não invoca a transcendência deveria ser chamada de política”**⁵⁶.

No sexto capítulo alguma convergência de ideias entre Feuerbach e Freud, ainda que circunscrita, pode ser cotada numa frase de Rubem Alves, com dividendos para se repensar o sagrado: *os sonhos são a voz do desejo. E é aqui que nasce a religião, como mensagem do desejo, expressão de nostalgia, esperança de prazer...*⁵⁷. A bifurcação que se segue, segundo Rubem Alves, por um lado implica a maneira depreciativa de Freud, *convencido de que os desejos estão condenados ao fracasso, face ao poder inalterável da natureza e da civilização*⁵⁸. Por outro lado, perceptivelmente mais próximo ao gosto de Rubem Alves, Feuerbach defende que os sonhos *são confissões de projetos ocultos e subversivos, anúncios, ainda que enigmáticos, de utopias em que a realidade se harmonizará com o desejo*⁵⁹.

A predileção de Rubem Alves pela perspectiva feuerbachiana o leva a citações e comentários carregados de indicações seguramente propícias a cientistas da religião:

E é assim que Feuerbach afirma:

“A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor”.

Aqui é necessário parar um pouco para ler, reler, meditar, usufruir a densidade poética das palavras. E ele continua:

“Como forem os pensamentos e as disposições do homem, assim será o seu Deus; quanto valor tiver um homem, exatamente isto e não mais será o valor do seu Deus. Consciência de Deus é autoconsciência, conhecimento de Deus é autoconhecimento.”

⁵⁵ ALVES (1981b, 82). Negrito meu.

⁵⁶ ALVES (1981b, 83-84). Negrito meu.

⁵⁷ ALVES (1981b, 91). Negrito meu.

⁵⁸ ALVES (1981b, 95).

⁵⁹ ALVES (1981b, 97). Negrito meu.

Assim, se a psicanálise dizia “conta-me teus sonhos e decifrarei o teu segredo”, Feuerbach acrescenta “conta-me acerca do teu Deus e eu te direi quem és”.

“Deus é a mais alta subjetividade do homem... Este é o mistério da religião: **o homem projeta o seu ser na objetividade e então se transforma a si mesmo num objeto face a esta imagem, assim convertida em sujeito**”⁶⁰.

Fica inevitável para Rubem Alves uma analogia com o fenômeno religioso, incluindo aí a noção de se hipostasiar (no caso, fazer de uma coisa criada o próprio Criador). A religião não deveria ser comparada a uma janela, por cuja transparência ver-se-ia o sagrado; bem melhor poder-se-ia assemelhar a religião ao espelho que reflete a face humana *poiética* (criativa). E um aviso complementar é deixado para os estudiosos da religião. Um longo aviso, sim; porém epistemologicamente imprescindível:

Só poderei reconhecer-me, na imagem do espelho, se souber que não existe ninguém lá dentro. Só poderei reconhecer-me em minhas ideias de Deus se souber que não existe Deus algum... Sou eu o único absoluto...

É evidente que as pessoas religiosas não podem aceitar tal conclusão. E Feuerbach concluiria, em consequência disto, que **o sentido da religião está escondido das pessoas religiosas.** Elas sonham, mas não entendem os seus sonhos...

E assim a religião é preservada como sonho. Só que, no momento em que o sonho é interpretado e compreendido, Deus desaparece: os *céus* se transformam em *terra*, o que estava *lá em cima* reaparece *lá na frente*, como futuro... E as imagens que a religião tomava como retratos do ser mais belo e mais perfeito passam a constituir um **horizonte de esperança em que os homens espalham os seus desejos**, utopia de uma sociedade em que o presente é mágica e miraculosamente metamorfoseado pelo homem que quebra as correntes, para colher a flor, não em virtude de pressões que vêm de fora, mas em resposta aos sonhos que vêm de dentro.

E tudo se transforma sob os nossos olhos. Porque **as religiões, caleidoscópios de absurdos, se configuram agora como símbolos oníricos dos segredos da alma**, inclusive a nossa. E por detrás dos mitos e ritos, cerimônias mágicas e benzeções, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que tênues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E os seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída⁶¹.

No penúltimo capítulo Rubem Alves se engaja na proclamação do *Deus dos oprimidos*. Passa pelo camponês Amós, pelo exilado Ezequiel, pelo revolucionário Thomas Müntzer, pelo exemplar Francisco de Assis, pelo pacifista Mahatma Gandhi, pelo líder Martin Luther King, pelo mártir Oscar Romero (assassinado em 1980 durante a celebração de uma missa em El Salvador). Todos esses e tantos outros assim se postaram como líderes religiosos

intimidados, perseguidos, ameaçados, expulsos, presos... Isto não aconteceria se fossem aliados do poder. Testemunhos da significação política da religião profética: expressão das dores e das esperanças dos que não têm poder. Ópio do povo? Pode ser, mas não aqui. Em meio a mártires e profetas, **Deus é o protesto e o poder dos oprimidos**⁶².

Ao terminar o livro *O que é religião*, Rubem Alves procede o balanço dos pronunciamentos, dos depoimentos... Reconhece que os acusadores da religião a tomaram como

⁶⁰ ALVES (1981b, 97-98). Negrito meu.

⁶¹ ALVES (1981b, 100-101). Negrito meu.

⁶² ALVES (1981b, 114). Negrito meu.

uma louca que balbucia coisas sem nexos, distribuindo ilusões, fazendo alianças com os poderosos, narcotizando os pobres. Outros, pela defesa, afirmaram que sem a religião o mundo humano não pode existir e que, quando deciframos os seus símbolos, contemplamo-nos como num espelho. E mais, que é justamente **com estes símbolos que os oprimidos constroem suas esperanças e se lançam à luta**⁶³.

E porque *todas as ciências, sem exceção, são obrigadas a um rigoroso ateísmo metodológico*, Rubem Alves logo questiona se *não haverá um dever de honestidade a nos obrigar a ouvir a religião, até agora silenciosa*. Então responde com equilíbrio qualificador: *teremos de ouvir a voz da religião, ainda que ela esteja mais próxima da poesia do que da ciência*⁶⁴. Por isso,

se vamos ouvir as pessoas religiosas é necessário “fazer-de-conta” que acreditamos. [...]

É necessário que não nos deixemos confundir pela exuberância dos símbolos e gestos, vindos de longe e de perto, de outrora e de agora, porque **o tema da canção é sempre o mesmo**. Variações sobre um tema dado. A religião fala sobre **o sentido da vida**. Ela declara que vale a pena viver. [...]

O sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. [...]

É uma transformação de nossa visão do mundo, na qual **as coisas se integram como em uma melodia**, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos de um sentimento oceânico, na poética expressão de Romain Rolland, sensação inefável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas. [...]

O sentido da vida é um sentimento.⁶⁵

Consoante ao sentimento, inexistem certezas. Portanto, Rubem Alves compara a alma religiosa com *o trapezista que tem de se lançar sobre o abismo, abandonando todos os pontos de apoio*. Noutras palavras, *trata-se de uma aposta apaixonada. E o que é lançado sobre a mesa das incertezas e das esperanças é a vida inteira*⁶⁶.

E assim termina essa baita publicação em tamanho tão pequeno, um livro de bolso com cento e trinta e seis páginas. Tendo em vista o mesmo cálculo aplicado à outra obra de 1981 — *Filosofia da ciência* — observo que Rubem Alves nesse *O que é religião* faz referência a dezenove produções específicas ou relativas à arte: Amós, Antoine de Saint-Exupéry, Archibald MacLeish, Bach, Beethoven, Cecília Meireles, Cervantes, Dante Alighieri, Dostoievski, Ezequiel, George Orwell, Hieronymus Bosch, Kohelet, Lewis Carroll, Mozart, Pieter Bruegel, Romain Rolland, Salvador Dali e William Blake. Na média, uma citação de artista a cada sete páginas.

Provavelmente você não reconhece importância capital no argumento estatístico da média — mais uma ficção que uma realidade. Entretanto, você também percebeu que fiz uso desse artifício para sugerir quão originais e preparatórias (como treinos) foram essas obras de Rubem Alves ainda em 1981, ainda no âmbito dos assuntos acadêmicos da filosofia da ciência e das ciências da religião. Digo “ainda” porque você sabe muito bem que o Rubem Alves famoso

⁶³ ALVES (1981b, 116). Negrito meu.

⁶⁴ ALVES (1981b, 117). Negrito meu.

⁶⁵ ALVES (1981b, 121, 122, 123). Negrito meu.

⁶⁶ ALVES (1981b, 128). Negrito meu.

por suas publicações em estilo mais literário (nas áreas da educação, psicanálise, espiritualidade, literatura para crianças etc.) surgiu por volta de 1984⁶⁷. Ou seja, repetindo, se nesta conferência desejo **prestar atenção ao que Rubem Alves escreveu em 1981 e aventar uma pequena hipótese** para certos detalhes relacionados ao relativo encolhimento da sua preocupação mais política e à sua florescente abertura para um exercício mais lúdico..., isso nos remete à minha suspeita: esses dois livros publicados em 1981 são indicativos da iminente e eminente teopoética de Rubem Alves em seu jeito de repensar o sagrado nos anos subsequentes.

Decerto estou devendo (à guisa de um lembrete entre parênteses) uma informação suplementar indispensável: Rubem Alves encabeçou em 1981 outra publicação junto com nomes de peso na resistência e no enfrentamento ao regime de exceção implantado no Brasil entre 1964 e 1985. Foi uma obra resultante de um Simpósio que aconteceu ao final de março de 1981 na Universidade Metodista de Piracicaba. A coordenação ficou a cargo do Diretor do Centro de Filosofia e Teologia da UNIMEP, Clory Trindade de Oliveira. Com o título *Fé cristã e ideologia*, esse livro reuniu as palestras de Rubem Alves, Jaci Maraschin, Hugo Assmann, Zwinglio Dias, Irma Passoni, Aldo Fagundes, Fernando Bastos de Ávila e Neidson Rodrigues.

Esse Simpósio nas dependências do Campus Centro daquela UNIMEP subversiva do início dos anos '80 deixou os governantes de plantão preocupados. Para ilustrar essa preocupação, apenas lembro que o Editor Executivo da Editora UNIMEP era ninguém menos que Hugo Assmann – recém chegado do exílio, depois de morar em San José (Costa Rica) e *ter participado ativamente da Revolução Sandinista na Nicarágua*, conforme consta no (então) documento confidencial *Informação nº 321 do Ministério do Exército, datada de 08 de maio de 1981 e difundida para toda comunidade de informação (CIE, Comar, Deops/SP, PHESP e E2.5)*⁶⁸.

Para anexar mais elementos recorro novamente ao biógrafo de Rubem Alves, o premiado jornalista Gonçalo Junior:

Alerta mais grave foi dado em um “Documento Confidencial”, datado de 23 de abril de 1981. No tópico “assunto” do formulário de abertura do relatório policial lia-se **“Subversão”**. Em “difusão”, o policial escreveu em tom de alerta “à comunidade de informação”. O texto assinado pelo investigador de polícia Luis P. Martins foi feito com base numa fotocópia que ele obteve sobre o Seminário Fé Cristã e Ideologia [...]. Rubem foi o primeiro dos nove convidados a apresentar sua palestra, chamada “A ideologia na perspectiva histórica: ontologia e história, ideologia e verdade”. Por causa da complexidade subjetiva do tema, o palestrante deu trabalho ao policial para resumir o que ele disse. Ao que parece, ficou longe disso, pois o que reproduziu não passou de alguns fragmentos do que o teólogo expôs. Martins escreveu, depois de identificar Rubem como doutor e teólogo: **“Deixou de lado a palavra ideologia e usou a palavra linguagem porque por detrás da palavra ideologia há muitos acordos silenciosos”**.

Sem dúvida ele copiava literalmente trechos do que Rubem dizia [...] ⁶⁹.

De fato, o livro *Fé cristã e ideologia* começa com a palestra de Rubem Alves. O título do capítulo, para o índice da obra, é: *Sobre o absoluto e o provisório*. Já à página inicial do capítulo, o título é mais extenso: *Sobre o absoluto e o provisório, a verdade e as incertezas, a*

⁶⁷ GONÇALO JUNIOR (2015, 280).

⁶⁸ GONÇALO JUNIOR (2015, 287-288).

⁶⁹ GONÇALO JUNIOR (2015, 288). Negrito meu.

ciência e a bondade... Você, sem dúvida, reconhece nesse complemento do título alusões aos livros *O que é religião* e *Filosofia da ciência*. E quando lido o seu conteúdo soa confirmado que nessa palestra *o subversivo* Rubem Alves carregava como “colinha” na cabeça suas publicações daquele ano de 1981.

Já que o policial investigador detectou (ingênua, porém corretamente) a mudança de terminologia operada por Rubem Alves naquela palestra de 1981, adiciono que no capítulo *Sobre o absoluto e o provisório* parece basilar a presença de dois filósofos: Ernest Cassirer e Ludwig Wittgenstein — os quais, inclusive, comparecem significativamente nos livros antes comentados (*Filosofia da ciência* e *O que é religião*).

Imagino que um arcabouço filosófico-semiótico alinhavando o alemão radicado nos Estados Unidos e o austríaco afamado na Inglaterra montaria olastro de um possível quadrilátero conceitual para o alicerce teórico de Rubem Alves, mormente na edificação de sua obra na terceira etapa. Essa suposta moldura encaixaria, por baixo, dois vértices de cada filósofo. De Cassirer: a linguagem como forma simbólica; o enraizamento da linguagem na experiência cultural. De Wittgenstein: a linguagem como jogo; a semelhança entre famílias de linguagem. Deixo a dica. Talvez faça sentido. Senão, reciclagens ou descartes também são bons encaminhamentos.

De qualquer forma, e querendo brincar um pouco com essa coisa de linguagem/família/semelhança, não resisto à tentação de ventilar que os dois filhos de Rubem Alves — Sérgio e Marcos — sob determinada visada, bem que se parecem com Cassirer e Wittgenstein. A conferir⁷⁰:

⁷⁰ Manipulei as imagens no aplicativo Fotos Microsoft. Os retratos foram obtidos por acesso, em 16/07/2019, nos seguintes endereços:

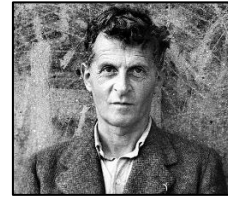
<https://www.pinterest.pt/pin/28288303895546296/>;

http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/07/capa/campinas_e_rmc/191188-corpo-de-rubem-alves-sera-cremado-neste-domingo.html;

<https://www.cocen.unicamp.br/pesquisadores/id/25/marcos-nopper-alves>;

<https://www.pinterest.pt/pin/477451997994912990/>;

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=562129630504082&set=t.100001724653186&type=3&theater>



Tudo bem que brincadeira também faz parte, mas tenho sereno *desconfiômetro* do quanto é perigoso você segurar talheres à beira de um ataque de acervos. Guarda a faca... Vou desligar a bateadeira bibliográfica logo-logo. Aguenta só mais duas citações.

Assim...

Em um capítulo publicado no ano de 1986 fiz um breve exercício teórico sobre uma perspectiva de ensino religioso que me parecia elementar do ponto de vista antropológico. Acho que posso retomar daquele capítulo uma parte de um parágrafo para aplicá-la ao contexto desta apresentação, depois de trinta anos. Previno que espero sua leitura agora com benevolência redobrada:

[O] ensino religioso nesta perspectiva, ainda que apoiado na troca de opiniões (*doxa*) sobre a fé, [...] pode ser sistematizado pelas ciências (*episteme*). [...] E com perdão dos etimólogos, pergunto ironicamente: não parece que a fé (*pistis*) cabe direitinho nas entranhas da ciência da ciência (*e-pisti-mologia*)?⁷¹

Após revisitar com muito gosto os dois livros que Rubem Alves publicou em 1981 (*Filosofia da ciência* e *O que é religião*) decido repaginar o trocadilho que cometi em 1986 para, finalmente, encerrar esta conferência com o prometido em seu começo. Eis, portanto, como avento minha **pequena hipótese** para esse mo(vi)mento de transição de Rubem Alves, passando da segunda para a terceira etapa de seu trabalho como pensador/provocador: suspeito que seria razoável e gratificante interpretar o prelúdio rubeniano à teopoética como sendo sua equação lúdico-e-*pisti*-melódica: um brinquedo científico que está para o fenômeno religioso assim como uma dose simbólica do sentido-para-a-vida está para a embriaguez no balcão da beleza.

Se você vier a reler este texto, *da capo*, imagino ser possível considerar meus negritos como notações, com seus sustentidos e bemóis, para uma partitura rubeniana deste

⁷¹ LIMA JUNIOR (1986, 34).

mo(vi)mento de transição. Quem sabe também fosse o caso de se harmonizar essa pequena hipótese de equação lúdico-e-*pisti*-melódica com o antológico livro que Rubem Alves escreveu em 1981 e que foi lançado no ano seguinte pelas Edições Paulinas: *Variações sobre a vida e a morte – a teologia e a sua fala*. Uma canção brincante.

A pipa roça o céu; sua linha desenha o vento – viagem do imaginoso. O pião dança na terra; seu barbante tensiona a concretude – corpo da história. A aposta palpita o talvez; sua sístole estranha a morte – sineta para o viver. Rubem Alves empinou pipas, rodou piões, la[n]çou apostas. Apaixonadamente! Tanto que (penso, sinto e acredito) seus filhos se profissionalizaram, de modo figurado, como pipas, piões e apostas. Pois: Sérgio – o médico anestesista – como pipa passa e pastoreia a corporeidade-em-dores *fazendo-a deitar e guiando-a mansamente a águas tranquilas*. Marcos – o biólogo – como pião gira e ginga com a complexidade da vida *que excede todo entendimento*. Raquel – a arquiteta – como aposta projeta e produz a decoração do sensível para *um arrebatamento dos sentidos*. Com essas pipas, esses piões, essas apostas vou – e vamos todos – sentindo saudades de Rubem Alves. Afinal, a saudade é uma consciência de perda, é um desejo de reencontro, é uma composição de memória...

E dispensando consignar qualquer *Post Scriptum*, ainda deixo aqui registrado que, em atenção ao prazo definido pelos organizadores deste evento para a entrega deste texto, concluí minha escrita no dia 19 de julho de 2019 – uma data que nos direciona a duas efemérides cobertas comas mais caras emoções: quarenta anos da vitória sandinista na Nicarágua; e cinco anos desde a manhã daquele sábado quando se encantou Rubem Alves.

And last but not least, brindando sua memória, dedico esta conferência à querida Lidinha. Com emoção, portanto, para a mãe do Sérgio, do Marcos e da Raquel transcrevo, comovido, um poema de Fernando Pessoa / Ricardo Reis ⁷², quiçá também lembrado por Rubem Alves:

A Cada Qual

A cada qual, como a 'statura, é dada
a justiça: uns faz altos
o fado, outros felizes.

Nada é prêmio: sucede o que acontece.
Nada, Lídia, devemos
ao fado, senão tê-lo.



⁷² Ricardo Reis / Fernando Pessoa.

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000011.pdf?fbclid=IwAR2HbLyGi5uq5wRiFo7zIFFhrRnZpWD3bZCCUjysyh-Z6Kzsd-pUUyVUWdY>>.

Referências

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência (introdução ao jogo e suas regras)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981a.

_____. *O que é religião*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981b.

_____. et alii. *Fé cristã e ideologia*. Piracicaba: Editora UNIMEP / São Bernardo do Campo: IMPRENSA METODISTA, 1981c.

_____. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2017.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA. *O sonho ecumênico*. Vídeo dirigido por Wanderley Pereira da Rosa. Vitória: FUV & Studio G, 2017.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). *Rubem Alves - o aprendiz de feiticeiro*. Templo Cultural Delfos, março/2014. Disponível no link <http://www.elfikurten.com.br/2014/03/rubem-alves-o-aprendiz-de-feiticeiro.html>. [acessado em 01/07/2019].

GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta, 2015.

INSTITUTO RUBEM ALVES. Site <https://institutorubemalves.org.br/>.

LIMA JÚNIOR, José. *Podes crer, é incrível!* In REGIS DE MORAIS (org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papirus, 1986.

_____. *Assim beijava Benjamin*. In Revista de Estudos de Religião. v. 31, n. 2, 181-203, maio-ago. 2017. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/issue/view/442>

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

PESSOA, Fernando. *A cada qual*. Poema de Ricardo Reis. Domínio Público. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000011.pdf?fbclid=IwAR2HbLyGi5uq5wRiFo7zIFFhrRnZpWD3bZCCUjysyh-Z6Kzsd-pUUYVUWdY>. Acesso em 16/07/2019.